



**DIÁSPORA, TRADUÇÃO E IDENTIDADE: O ENTRE-LUGAR DOS SUJEITOS  
DIASPÓRICOS NA OBRA DE JHUMPA LAHIRI**

**DIASPORA, TRANSLATION, AND IDENTITY: THE BETWEEN PLACE OF  
DIASPORIC SUBJECTS IN THE WORK OF JHUMPA LAHIRI**

*Denise Mercedes Nunez Nascimento Lopes Salles<sup>1</sup>*

*Rodolpho da Silva Messias<sup>2</sup>*

**RESUMO:** A literatura de Jhumpa Lahiri, escritora de origem indiana, trata de questões vivenciadas pelos sujeitos diaspóricos em experiências migratórias contemporâneas. A produção de identidades plurais e multiculturais nos últimos 30 anos descentrou o modelo ocidental da modernidade. Neste contexto, o objetivo é ponderar a configuração da identidade do migrante em dois contos do livro “Intérprete de Males” de Lahiri, com uma perspectiva analítica que percebe a cultura envolvida em uma tensão constante entre a tradição e a tradução. Na pós-modernidade as novas formas de identidade são híbridas e cambiantes e o conceito fechado e binário de diáspora dá lugar a uma perspectiva focada em um ponto intermediário. Assim, o sujeito diaspórico traduz as normas de seu novo lugar, ao mesmo tempo em que reedita suas tradições e questiona seu pertencimento a uma comunidade nacional e situa-se, assim, em um entre-lugar. A metodologia consiste na leitura e interpretação dos contos “Quando o sr. Pirzada vinha jantar” e “A sra. Sen”, a partir dos conceitos de identidade e tradução de Stuart Hall. A análise aponta para as diferentes formas de situar o pertencimento, entre tradição e tradução, no contexto diaspórico pós-moderno especificamente entre migrantes indianos de primeira e segunda geração nos EUA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direito e Literatura; Diáspora; Jhumpa Lahiri; Stuart Hall; Entre-lugar.

**ABSTRACT:** The literature of Jhumpa Lahiri, a writer of Indian origin, allows us to address issues experienced by diasporic subjects in contemporary migratory experiences. The production of plural and multicultural identities in the last 30 years has decentered the Western model of modernity. In this context, the aim is to ponder the configuration of the migrant's identity in two short stories from Lahiri's book "Interpreter of Maladies", with an analytical perspective that perceives culture involved in a constant tension between tradition and translation. In postmodernity, the new forms of identity are hybrid

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Niterói, RJ. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Direito do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Católica de Petrópolis (PPGD-UCP). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1594102305404307>. E-mail: [denise.salles@ucp.br](mailto:denise.salles@ucp.br). Artigo vinculado ao GT 2: Direito, linguagem e narrativa, do XI CIDIL.

<sup>2</sup> Mestre em Direito pela Universidade Católica de Petrópolis. Especialista em Direito Notarial e Registral. Graduado em Direito pela Fundação Presidente Antonio Carlos de Ubá/MG. Procurador municipal de Astolfo Dutra/MG. Advogado e professor. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1139795099503669>. E-mail: [rodolpho\\_messias@hotmail.com](mailto:rodolpho_messias@hotmail.com).



and shifting, and the closed and binary concept of diaspora gives way to a perspective focused on an intermediate point. Thus, the diasporic subject translates the norms of his new place while re-editing his traditions and questioning his belonging to a national community and is thus situated in a between place. The methodology consists of reading and interpreting the short stories "When Mr. Pirzada come to dine" and "A Mrs. Sen", based on Stuart Hall's concepts of identity and translation. The analysis points to the different ways of situating belonging, between tradition and translation, in the postmodern diasporic context specifically among first and second-generation Indian migrants in the US.

**KEYWORDS:** Law and Literature; Diaspora; Jhumpa Lahiri; Stuart Hall; Betweenplace.

## **1 INTRODUÇÃO**

Na pós-modernidade as identidades tradicionais naufragaram e as novas formas são híbridas e cambiantes. Stuart Hall argumenta que a cultura na pós-modernidade não é uma viagem de retorno, mas sim uma produção que depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação". Ele enfatiza que nossas identidades culturais estão sempre em processo de formação, e que a cultura não é uma questão de ontologia, mas de se tornar. A globalização está desfazendo os modelos culturais herdados e homogeneizantes, e as identidades concebidas como estáveis naufragaram. As migrações livres e forçadas estão diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes.

De acordo com Stuart Hall também o conceito fechado e binário de diáspora dá lugar hoje a uma perspectiva focada no ponto intermediário, no entre. Assim, ao olharmos para a construção da identidade de migrantes no mundo contemporâneo, veremos que este processo não mais está firmado apenas em noções estáticas e rígidas ligadas apenas a tradição do país de origem, mas também terá a contribuição do novo local e suas particularidades culturais, em um processo de tradução cultural.

Tendo como referência o debate de identidades culturais, tradição e tradução na diáspora pós-moderna, o objetivo deste trabalho é ponderar a configuração da identidade do migrante em dois contos da escritora de origem indiana Jhumpa Lahiri; a saber "Quando o Sr. Pirzada vinha jantar" e "A senhora Sen", ambos do livro "Intérprete de males" publicado em 1999.



Os contos dessa obra, assim como de outras da autora, tratam de questões de mobilidade, violência, diáspora e vivências multiculturais complexas; mas, também, se baseiam em memórias da própria escritora, que viveu processos pessoais migratórios com sua família, da Índia para a Inglaterra e, depois, para os Estados Unidos.

Lahiri viveu grande parte da sua vida nos Estados Unidos. Nos últimos 15 anos, porém, escolheu a língua italiana para escrever e publicar suas obras e vive parte do tempo na Itália. A escrita de Lahiri é, portanto, também fruto de um processo diaspórico, assim como, de uma busca pessoal por uma nova forma de comunicação e voz na sua trajetória de escrita; em outras palavras, a de uma mulher traduzida (CHIARINI, 2018).

O presente trabalho apresenta uma análise da construção identitária nos entre-lugares ocupados por sujeitos diaspóricos nos contos de Lahiri, entendendo que a cultura envolve uma tensão constante entre a tradição e a tradução, na qual o migrante traduz as normas de seu novo lugar, ao mesmo tempo em que reedita suas tradições e questiona seu pertencimento a uma comunidade nacional.

## **1 IDENTIDADES PÓS-MODERNAS E REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA**

Chama a atenção o debate suscitado pelo teórico Stuart Hall (2018) ao se lançar no desafio de pensar essa relação entre o sujeito diaspórico e o lugar que habita. E essa mesma relação também é apresentada pelo texto literário de Jhumpa Lahiri, autora descendente de indianos, de maneira a explicitar, com toda a delicadeza e a discursividade do texto narrativo ficcional, as angústias intrínsecas a esse processo.

As identidades culturais no contexto pós-moderno têm como referência a correlação entre a ideia de nação como uma “comunidade imaginada” (HALL, 2019, p. 28). No caso dos sujeitos diaspóricos, estar-se-ia diante de uma ideia móvel e cambiante de pertencimento, pois os hábitos e costumes de ambas as nacionalidades, à medida que as gerações de migrantes vão se sucedendo, tornam-se cada vez mais flutuantes, o que é um indicador da ideia de mutabilidade das identidades culturais. Teoricamente,



Esta questão é central, não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem, onde um certo "sujeito imaginado" está sempre em jogo. Onde começam e onde terminam suas fronteiras, quando regionalmente cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos e tantos vivem a milhares de quilômetros de "casa"? Como imaginar sua relação com a terra de origem, a natureza de seu "pertencimento"? (HALL, 2019, p. 28).

A situação apresentada acima versa sobre a questão da migração caribenha na Grã-Bretanha, mas os debates teóricos também revestem de igual maneira a questão da migração indiana nos Estados Unidos, no contexto de "Intérprete de males". Por essa razão, não há como não imaginar que, "na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas" (HALL, 2019, p. 29). Além disso, outros questionamentos feitos pelo professor jamaicano revelam-se oportunos em relação ao trabalho de Lahiri.

Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que "a identidade cultural" carrega consigo tantos tragos de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como devemos "pensar" as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura? (HALL, 2019, p. 30).

A fim de debater sobre essas questões, selecionaram-se dois contos da escritora inglesa em comento: "Quando o Sr. Pirzada vinha jantar" e "A senhora Sen" (2019). Em ambos, o debate sobre a identidade cultural e o entre-lugar deixa claro que há uma constante instabilidade quando se admite que a cultura é algo imutável e que fixar-se de maneira acrítica em questões secularmente definidas pode constituir um embaraço no processo de reconhecimento e de aceitação de múltiplas identidades culturais. Como ressalta Hall, "Um povo não pode viver sem esperança. Mas surge um problema quando interpretamos tão literalmente as nossas metáforas. As questões da identidade cultural na diáspora não podem ser "pensadas" dessa forma" (2019, p. 33).

*"Quando o Sr. Pirzada vinha jantar"*



No primeiro conto, tem-se a história do Sr. Pirzada, um professor natural de Dacca, à época pertencente ao Paquistão, que vive nos Estados Unidos nos anos 1970. Essa personagem frequenta a residência dos pais de Lília, a narradora-personagem do conto, todos os dias às 18h, para assistir ao noticiário sobre os acontecimentos políticos que desencadearam-se em tensão e conflitos entre Índia, Paquistão e Bangladesh. Essa família que acolhe diariamente o visitante é de origem indiana, o que faz com que este sintam-se particularmente “em casa”, embora, se estivessem em seu país de origem, provavelmente não teriam esse elo em comum, por conta dos acontecimentos geopolíticos e religiosos, principalmente a Partição.

Essa convivência diária desperta em Lília o interesse e a curiosidade em relação às suas raízes. Seus pais deixam claro a manutenção dos laços que os unem ao país de origem em detrimento do sentimento de pertencimento à cultura americana. Por exemplo, cozinhavam os pratos típicos de seu país, cultivavam o hábito do idioma, estranhavam a falta de determinados produtos indianos nos supermercados americanos e etc. Esses laços culturais também foram importantes para o Sr. Pirzada, uma vez que deixou sua família em Dacca e, por conta do cenário político-religioso, não recebia notícias de seus familiares há muito tempo.

A narradora-personagem Lília começa, nessas visitas, a familiarizar-se com a cultura, a geografia, os aspectos sociopolíticos e religiosos da região de origem de seus pais e do visitante diário. Para ela, migrante de segunda geração, a educação formal escolar girava em torno da geografia e da história norte-americana, não lhe sendo ensinado oficialmente sobre o seu país de descendência familiar. Ademais, Lília desconhecia a noção de separação política entre Índia, Paquistão e Bangladesh. Ao referir-se ao Sr. Pirzada como indiano, assim como eles também eram, teve seu primeiro contato com os fenômenos políticos daquela região por meio de seu pai:

— O senhor Pirzada não vem hoje. Mais importante, o senhor Pirzada não se considera mais indiano — meu pai anunciou, espanando o sal das castanhas da barba preta aparada. — Desde a Partição. Nosso país foi dividido. Em 1947. Quando falei que achava que essa era a data em que a Índia se tornara independente da Grã-Bretanha, meu pai disse:

— Isso também. Num momento a gente estava livre, no outro partido em dois — explicou, fazendo um X com o dedo na bancada —, como uma torta. Hindus aqui, muçulmanos aqui. Dacca não pertence mais a nós.



Ele me contou que, durante a Partição, hindus e muçulmanos punham fogo uns nas casas dos outros. Para muitos, a ideia de comer um na companhia do outro ainda era impensável (LAHIRI, 2019, p. 31).

Nesse diálogo, fica claro que a menina não tinha a mesma relação com as tradições e conhecimento da realidade política. Ademais diferentemente de seus pais e o Sr. Pirzada, tinha uma visão, próxima aos norte-americanos, dos indianos como uma identidade única dada pela língua e costumes, justamente por já ser migrante de segunda geração.

Para mim não fazia sentido. O sr. Pirzada e meus pais falavam a mesma língua, riam das mesmas piadas, pareciam mais ou menos iguais. Comiam picles de manga nas refeições, comiam arroz com a mão toda noite no jantar. Assim como meus pais, o sr. Pirzada tirava os sapatos antes de entrar na casa, mascava sementes de erva-doce como digestivo depois da refeição, não tomava bebida alcoólica, como sobremesa molhava austeros biscoitos em sucessivas xícaras de chá (LAHIRI, 2019, p. 31).

Como ressalta Hall a ideia de transculturação é um processo dialógico. Há uma relação que vai muito além de qualquer binarismo, como “um-outro”, “dentro-fora” e etc (HALL, 2018, p. 36). Lilia começa a ter mais empatia para com o visitante e suas angústias (a falta de contato com a terra natal, a falta de notícias da família e das filhas e a questão da identidade nacional) ao começar a interiorizar que as questões culturais vão muito além da sua própria identidade:

Agora que eu sabia que o sr. Pirzada não era indiano, comecei a estudá-lo com mais cuidado, tentando entender o que o tornava diferente. Resolvi que o relógio de bolso era uma coisa. Quando o vi essa noite, e ele deu corda e o pôs na mesinha, fui tomada por uma inquietação; me dei conta de que a vida era vivida em Dacca primeiro. Imaginei as filhas do sr. Pirzada acordando cedo, amarrando fitas no cabelo, à espera do café da manhã, se preparando para a escola. Nossas refeições, nossas ações eram apenas sombras do que já tinha acontecido lá, um lardo fantasma da terra real do sr. Pirzada (LAHIRI, 2019, pp. 36-37).

Por ser criada nos Estados Unidos e ser familiarizada com a cultura americana (participando de celebrações como o *Halloween*, por exemplo), a menina narradora enxergava o Outro como sendo pertencente sempre à mesma base cultural; todavia, a partir da fala de seu pai, passa a acompanhar com mais afinco os acontecimentos aos quais os adultos assistiam no noticiário, tomando conhecimento de uma realidade completamente diferente à sua:



Durante o comercial, minha mãe foi à cozinha buscar mais arroz, e meu pai e o sr. Pirzada deploraram a política de um general chamado Yahya Khan. Discutiram intrigas que eu não conhecia, uma catástrofe que eu não conseguia entender.

— Está vendo, crianças da sua idade, o que precisam fazer para sobreviver — meu pai disse enquanto me servia outro pedaço de peixe. Mas eu não conseguia mais comer. Só conseguia dar uma olhadela ao sr. Pirzada, sentado a meu lado com seu paletó verde-oliva, criando calmamente um poço em seu arroz para acomodar uma segunda porção de lentilha. Não era assim que eu imaginava um homem tomado por graves preocupações. Eu me perguntava se a razão para ele estar sempre tão bem-vestido seria em preparação para suportar com dignidade qualquer notícia que lhe viesse, talvez mesmo para comparecer a um funeral sem aviso prévio. Me perguntava também o que aconteceria se de repente suas sete filhas aparecessem na televisão, sorrindo, acenando e atirando beijos para o sr. Pirzada, do alto de uma sacada. Imaginei como ele iria ficar aliviado. Mas isso nunca aconteceu (LAHIRI, 2019, pp. 37-38).

Todo esse movimento de reconhecimento de sua própria identidade e de empatia para com o visitante de sua casa faz com que haja uma tomada de consciência de que toda a questão identitária deságue num denominador comum que vai muito além de responder se Lilia, a essa altura, criança americana de descendência indiana, sabendo das diferenças culturais entre indianos, paquistaneses e bengalis, reconhecer-se-ia como indiana ou americana. A relação entre Lilia, seus pais e o Sr. Pirzada deixa claro, de maneira literária, o que Hall apresenta sobre cultura e seu papel na pós-modernidade, aduzindo que esta

[...] não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.

Em suas formas atuais, desassossegadas e enfáticas, a globalização vem ativamente desenredando e subvertendo cada vez mais seus próprios modelos culturais herdados essencializantes e homogeneizantes, desfazendo os limites e, nesse processo, elucidando as trevas do próprio "Iluminismo" ocidental. *As*



*identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. (HALL, 2019, pp. 49-50. Sem grifos no original).*

Ainda nesse sentido, o trabalho de Almeida ressalta como o afeto foi fundamental na construção e complexidade do conto:

A experiência da diáspora cria um afeto genuíno entre o sr. Pirzada, Lilia e seus familiares. Suas visitas frequentes à casa de Lilia mostram o envolvimento entre esses indivíduos indianos. O sr. Pirzada sempre frequentava a casa de Lilia depois do seu trabalho, às seis horas da noite. O objetivo principal de sua visita era assistir às notícias de Bangladesh, que estava lutando pela independência do Paquistão. A autora expõe a angústia de um pai imigrado que tenta assistir ao episódio nacional de notícias em busca de saber a situação de sua família. O pai de Lilia a instrui a se concentrar nas notícias de seu continente nativo, que está passando por um conflito nacional, uma guerra. Percebemos a preocupação de um pai indiano imigrado, que tenta fazer sua filha se familiarizar com os assuntos atuais de sua terra natal. Já sabia que ela não seria capaz de entender as coisas devido à sua pequena idade e condição de imigrante de segunda geração, sem memória de sua terra natal. Lilia se frustra pela incapacidade de compreender a política por trás dessa guerra (ALMEIDA, 2019, pp. 57-58).

Por fim, a questão identitária do conto também gira em torno dos laços construídos entre pessoas que provavelmente não seriam amigas se estivessem em seu país. O compartilhamento do idioma, da culinária, dos hábitos, das angústias, das ideias afins, enfim, a convivência intensa e estreita estabelecida entre o Sr. Pirzada e a família de Lilia são o que Hall conceitua como “família ampliada”. Hall analisa os assentamentos negros na Grã-Bretanha e conclui que nestes “tal qual ocorre comumente às comunidades transnacionais, a família ampliada – como rede e local da memória – constitui o canal crucial entre os dois lugares” (HALL, 2019, p. 28). Por fim, nesse processo, a cultura de origem “permanece forte, mesmo na segunda ou terceira geração, embora os locais de origem não sejam mais a única fonte de identificação” (HALL, 2019, pp. 28-29).



Particularmente, quanto a essa complexidade da identificação cultural, Lilia representa bastante a fala de Hall, ao aprender e assimilar a cultura de sua ascendência mesmo não estando naquele país. Quanto aos laços estabelecidos entre a comunidade que se reúne na casa da família indiana, vê-se que

Os pais de Lilia e o sr. Pirzada compartilham do mesmo espaço, falam a mesma “língua”. Os significados para eles são os mesmos, ao ponto de Lilia falar que parecem a mesma pessoa. Isso acontece porque eles compartilham dos mesmos códigos culturais. Como Hall explica, “a linguagem, assim, não é propriedade nem do emissor, nem do receptor dos significados: é o ‘espaço’ cultural compartilhado em que a produção de sentidos através da linguagem – isto é, representação – acontece” (2016, p. 6). É importante ressaltar que para Lilia, apesar dela ser criada por pais indianos que mantinham sua cultura no ambiente doméstico, os códigos culturais que a influenciam são os da cultura americana.

[...]

Os imigrantes de segunda geração se destacam por se libertarem de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas culturais de seus pais (ALMEIDA, 2019, p. 59).

O conto em estudo chama a atenção também para a figura da narradora, sendo uma criança de aproximadamente dez anos de idade. A sensibilidade do olhar de Lilia sobre a realidade do visitante – e sobre o aprendizado que passa a trazer consigo sobre os povos de seus descendentes – permite transparecer que as questões voltadas à identidade cultural, além daquilo que foi discutido até aqui, interessa ressaltar que estas temáticas podem ser discutidas entre todas as faixas etárias e sob as mais diversas manifestações comunicativas. A criança tem um olhar mais acurado para a realidade, captando com autenticidade aquilo que lhe é mais atraente e curioso. Lahiri tem uma sensibilidade muito grande para descrever este olhar e a transformação que a relação com o Sr. Pizarda opera em Lilia.

*“A senhora Sen”*

No conto “A senhora Sen”, de “Intérprete de Males”. Eliot, um menino de família tipicamente americana, passa a ter como cuidadora a indiana que nomeia o conto, que passa a



morar nos Estados Unidos em razão de o marido estar lá cursando um mestrado. Uma das primeiras dificuldades da sra. Sen que o leitor identifica é o fato de a mesma não saber dirigir.

Durante a leitura, revela-se que o garoto mentalmente coloca-se a comparar a residência da senhora Sem com a sua própria casa, bem como compara os modos, costumes e o vestuário da babá em relação à sua própria mãe. A propósito dessa personagem – mulher americana, a leitura também revela que ela olha a cuidadora indiana com certo ar de soberba e superioridade, chocando-se ao descobrir que, na Índia, a família Sen possui um padrão de vida confortável:

— Na verdade, eu estou dando aulas para ela — disse o sr. Sen, deixando a caneca na mesinha de centro. Era a primeira vez que ele falava. — Pelos meus cálculos, a senhora Sen vai tirar a carteira de motorista em dezembro.

— É mesmo? — A mãe de Eliot anotou a informação em seu bloco.

— É, estou aprendendo — disse a sra. Sen. — Mas sou uma aluna lenta. Na nossa terra, sabe, temos um motorista.

— Um chofer particular, a senhora quer dizer.

A sra. Sen olhou para o sr. Sen, que fez que sim.

A mãe de Eliot balançou a cabeça também, olhou em torno da sala.

— E isso tudo... na Índia?

— É — a sra. Sen respondeu. A menção da palavra pareceu liberar alguma coisa nela. Ajeitou a borda do sári atravessado em diagonal no peito (LAHIRI, 2019, p. 122).

Ao contrário do que a mãe de Eliot demonstra em sua fala e no que não é dito (marcado, nesse diálogo, pelo uso das reticências), o garoto não tem dificuldade em aceitar a sua nova babá e o fato de ir para a sua casa. Os hábitos que a sra. Sen trazia consigo, para aquela criança, eram cheios de encanto, cores e aromas. Em muitas passagens do texto observa-se este encantamento: como a sra. Sen cortando legumes para o jantar, o que, para o garoto, parece que ela está preparando um banquete, visto a diferença entre os hábitos alimentares dos indianos e dos norte-americanos.

O uso do recurso linguístico da comparação e dos advérbios de lugar revelam a justaposição de cenários do conto. À medida que os diálogos entre a babá e o garoto vão ganhando corpo, com ela sempre contando como são os hábitos em seu país, Eliot passa a estabelecer relações entre a realidade que a sra. Sen narra e aquilo que ele tem como referências em seu país e seu contexto. Para ele, essa diferença entre ambos os lugares parece ser algo ao mesmo tempo natural e instigante:



— Eliot, se eu começar a gritar agora com toda força, vem alguém?

— Algum problema, senhora Sen?

— Nada. Só estou perguntando se vem alguém.

Eliot deu de ombros.

— Talvez.

— Lá em casa, basta fazer isso. Nem todo mundo tem telefone.

Mas basta elevar um pouco a voz, ou demonstrar tristeza, ou alegria de algum jeito, e o bairro inteiro, mais metade do bairro vizinho, vem correndo para saber o que houve, ajudar com as providências.

Eliot entendeu que, quando a sra. Sen falava lá em casa, queria dizer a Índia, e não aquele apartamento onde ela ficava sentada cortando vegetais. Ele pensou em sua casa, a menos de dez quilômetros dali, e no casal jovem acenando de vez em quando ao correr na praia ao entardecer. No Dia do Trabalho, eles deram uma festa. Uma porção de gente no deque, comendo, bebendo, o som da risada deles mais alto que o cansativo arfar das ondas. Eliot e a mãe não foram convidados. Foi num dos raros dias de folga da mãe, mas eles não foram a lugar nenhum. Ela lavou a roupa, conferiu o talão de cheques e com a ajuda de Eliot passou o aspirador dentro do carro. Eliot sugeriu que fossem ao lava-rápido uns quilômetros adiante na estrada, como faziam de vez em quando, para poderem ficar sentados dentro, seguros e secos, enquanto água e sabão e um círculo de tiras de lona gigantescas batiam no para-brisa, mas sua mãe disse que estava muito cansada e lavou o carro com a mangueira. Quando, à noite, a multidão na casa do vizinho começou a dançar, ela procurou o número deles na lista telefônica e pediu para baixarem o volume.

— Pode ser que chamem a senhora — Eliot acabou dizendo à sra. Sen. — Mas podem reclamar que a senhora está fazendo muito barulho (LAHIRI, 2019, pp. 125-126).

Chama a atenção o fato de que a criança e a babá têm uma relação que está em constante construção de cumplicidade. A passagem de ambos no carro, em que a sra. Sen dirige pela primeira vez na narrativa, bem como a passagem em que a criança descobre o que a deixa feliz (receber notícias de seus familiares), revelam aspectos de afeto, empatia e carinho entre Eliot e sua cuidadora, a ponto de ambos manterem diálogos que denotam o quanto o infante é empático para com a estrangeira, ao mesmo tempo em que ela parece apontar as diferenças entre os Estados Unidos e a Índia de maneira muito mais leve do que a mãe de Eliot enxerga os hábitos da indiana, por exemplo.

É claro que isso não pressupõe que há uma aceitação pacífica desse entre-lugar habitado pela sra Sen. Ao contrário da família de Lilia e do Sr. Pirzada, que criam laços de uma família ampliada justamente por estarem em um contexto diaspórico, a situação da babá indiana é



diferente. Nela, há uma dificuldade visível em relação a adaptar-se ou a traduzir a América, e isso é agravado pela falta que o seu marido faz em seu cotidiano direto:

Todas as vezes que se aproximavam do grupo de pinheiros onde a estradinha de asfalto encontrava a rua principal, ela se inclinava para a frente, pondo todo seu peso no pedal do freio enquanto os carros passavam depressa. Era uma rua estreita, com uma faixa amarela contínua pintada no meio, com outra pista de tráfego na direção oposta.

— Impossível, Eliot. Como eu vou lá?

— Tem de esperar até não passar ninguém.

— Por que ninguém diminui a marcha?

— Não vem vindo ninguém agora.

— Mas e o carro da direita, está vendo? E olhe, um caminhão atrás dele. De qualquer jeito, eu não tenho permissão para entrar na rua principal sem o senhor Sen.

— A senhora tem de virar e acelerar — Eliot disse (LAHIRI, 2019, pp. 129-130).

A senhora Sen, nessa cena, demonstra que está mais acostumada com o trânsito de sua terra do que com as regras e costumes americanos, bem como a questão cultural também influencia no simples hábito de dirigir, uma vez que ela se sente presa ao marido até mesmo nesse momento. Isso é um dos indicativos de que não há conforto e tranquilidade no processo de firmar-se uma identidade diaspórica em relação à sra. Sen; todavia, a criança, em suas falas, sempre se mostra mais empática do que os adultos de seu país em relação à estrangeira. Até mesmo a família da cuidadora indiana parece fundar-se no estereótipo de que, pelo fato de Sen e seu marido residirem nos Estados Unidos, sua vida é cercada de luxo e regalias:

Devagar ela se levantou e arrumou o pano em cima do telefone. Eliot a acompanhou, andando de tênis pela primeira vez no carpete cor de pera. Ela olhou para ele. Suas pálpebras inferiores estavam inchadas com finas cristas rosadas.

— Me diga, Eliot. É pedir demais?

Antes que ele pudesse responder, ela pegou sua mão e o levou para o quarto, cuja porta era normalmente mantida fechada. Além da cama, que não tinha cabeceira, as únicas outras coisas no quarto eram uma mesa de cabeceira com um telefone, uma tábua de passar roupa e uma escrivaninha. Ela abriu as gavetas da escrivaninha e a porta do armário, cheio de sáris de todas as texturas e cores imagináveis, brocados com fios de ouro e prata. Alguns eram transparentes, o tecido fino, outros grossos como capas, com pingentes



pendurados nas pontas. No armário, estavam em cabides; nas gavetas, dobrados ou enrolados em rolos firmes.

— Quando eu usei este aqui? E este? E este? — Ela tirou os sáris das gavetas um a um, depois pegou vários nos cabides. Eles pousavam como uma pilha de lençóis emaranhados em cima da cama. O quarto era tomado pelo cheiro intenso de naftalina.

— “Mande fotos”, eles escrevem. “Mande fotos da sua nova vida.” Que foto eu vou mandar? — Sentou-se, exausta, na beira da cama, onde agora mal havia espaço para ela. — Eles pensam que eu levo uma vida de rainha, Eliot. — Olhou em torno, as paredes vazias do quarto. — Acham que eu aperto um botão e a casa está limpa. Acham que eu moro num palácio (LAHIRI, 2019, pp. 134-135).

O conto termina com um pequeno incidente automotivo, em que a sra. Sen perde o controle da direção de seu automóvel. Não acontece nada demais fisicamente, mas certamente a frustração de não conseguir dirigir como gostaria para ter uma independência no novo lugar soma-se à frustração de não estar em sua terra, com sua família. Sem falar no fato de não estar correspondendo às expectativas de seus parentes, como dito. A isso, soma-se o fato de que a mãe de Eliot não mais o deixará com a babá indiana depois do ocorrido.

A narrativa ora comentada traz aspectos divergentes em relação ao conto anterior sobre a questão da identidade e tradução no contexto diaspórico pós-moderno. À sua maneira, Eliot parece ser uma espécie de extensão do sentimento de comunidade em relação à cuidadora, embora nem sempre compreenda plenamente suas questões como mulher diaspórica.

A relação é bem diferente da realidade trazida pelo conto “Quando o Sr. Pizarda vinha jantar”, uma vez que ali tem-se uma situação de estreitamento de laços de pertencimento nesse entre-lugar diaspórico onde iguais e diferentes se encontram, o que não acontece com a senhora Sen. E isso faz com que esse conto também traga um debate que é bastante comum em relação aos sujeitos traduzidos: não é só o sentimento de uma identidade cambiante, aliado a uma noção de família e comunidade ampliadas que marca a diáspora pós-moderna. Da mesma maneira que pode haver essa espécie de comunhão de tradições, num processo de tradução, pode não haver esse movimento e sim uma forte angústia, como no caso da babá indiana.

Esse binarismo de fazer ou não sentido na tradução é explicado por Hall da seguinte forma:



O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. [...] A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura. Mas num movimento profundamente contraintuitivo, a linguística moderna pós-saussuriana insiste que o significado não pode ser fixado definitivamente. Sempre há o "deslize" inevitável do significado na semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado. A fantasia de um significado final continua assombrada pela "falta" ou "excesso", mas nunca é apreensível na plenitude de sua presença a si mesma (HALL, 2018, pp. 36-37. Grifos no original).

No caso da personagem da senhora Sen, vê-se uma tentativa de afirmação de sua identidade indiana na sociedade americana, mantendo-se a tradição nesse sentido. Contudo, não se percebe uma fluidez no sentido da tradução (dos costumes novos), pois parece que sempre há algum percalço, alguma frustração nesse sentido, como delineado por Hall. Não se percebe que a personagem fixa-se como indiana ou como americana, e essa discussão nem é tão relevante em seu contexto. Mas a decepção é visível em seus atos, visto que sempre a babá aparenta sentir uma espécie de vazio, de falta em seus dias, seus gestos e seus atos, tentando ocupar-se ora à moda indiana, preparando um simples jantar como se fosse um banquete, rememorando seus dias na Índia e narrando suas memórias para Eliot, ora à moda americana, como uma mulher independente, que dirige e desloca-se com a mesma facilidade que a mãe da criança, por exemplo.

### **3 DIÁSPORA, ENTRE-LUGAR, TRADIÇÃO E TRADUÇÃO**

Partindo da leitura de Hall (2005), há uma descentralização cada vez maior da noção de cultura nacional. O teórico argumenta que as culturas nacionais são uma das principais fontes de identidade cultural no mundo moderno. Porém, essa identidade não é algo literalmente impresso em nossos genes, mas sim formado e transformado no interior da representação. As identidades nacionais não são inatas, mas sim construídas: “O argumento que estarei considerando aqui é que, na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós



nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2005, p. 48.).

Essa leitura, ao ser transportada para o contexto da literatura de Jhumpa Lahiri, permite interpretar que há uma ideia de pertencimento em conflito entre a tradição e a tradução, principalmente quanto à personagem da senhora Sen. Diante disso, pode-se definir, principalmente no contexto pós-moderno global, que

Ela [a globalização] tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras” (...) (HALL, 2005, p. 87).

Stuart Hall discute, portanto, a oscilação entre tradição e tradução no contexto das identidades culturais contemporâneas. Ele afirma que as identidades emergentes não são fixas, mas estão em transição, retirando recursos de diferentes tradições culturais e sendo produto de cruzamentos e misturas cada vez mais comuns no mundo globalizado. Hall rejeita a ideia de que as identidades estão destinadas a acabar em algum lugar, seja retornando às raízes ou desaparecendo pela assimilação e homogeneização. Ele argumenta que essa é uma visão limitada e que as identidades culturais estão em constante mudança e formação. Hall destaca que, embora as identidades possam ser influenciadas por tradições culturais, elas não são inatas ou imutáveis, mas sim produzidas e transformadas através da representação e dos processos culturais.

Assim, a ideia de tradução, para Hall, parece ser uma alternativa considerável nesse processo conflituoso de identidades. Ligada ao hibridismo cultural, a tradução, para Hall, muito inspirado em Edward Said,

[...] descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para



sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). (HALL, 2005, p. 89. Grifos no original).

A tradução, nesse ponto, parece entrar em xeque com a ideia de tradição, que será mais rígida e mais difícil de ser desenvolvida no contexto do entre-lugar diaspórico. A própria tradução não demonstra ser um processo pacífico, uma vez que as culturas têm muito mais nuances do que se espera. As personagens dos contos aqui trabalhados, cada uma à sua maneira e em maior e menor grau, demonstram essa complexidade de serem pessoas traduzidas no entre-lugar americano.

A palavra “tradução”, observa Salman Rushdie, “vem, etimologicamente, do latim, significando “transferir”; “transportar entre fronteiras”. Escritores migrantes, como ele, que pertencem a dois mundos ao mesmo tempo, “tendo sido transportados através do mundo..., são homens traduzidos” (Rushdie, 1991). Eles são o produto das *novas diásporas* criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas (HALL, 2005, p. 89. Grifos no original).

A observação de Hall é traduzida por meio do texto literário de Jhumpa Lahiri, sendo ela também mulher traduzida, na acepção de Said, citado pelo professor jamaicano. E as personagens da autora inglesa, nos contos aqui trabalhados, têm essa característica de revelar como é o processo de transitar e de achar isso que é exatamente o seu entre-lugar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de Jhumpa Lahiri em “Intérprete de males” (2019), em sua maioria, revelam a tensão do migrante entre a cultura de sua terra natal e a de seu país de destino. Essa instabilidade desnuda debates de ordem identitária que perpassam conceitos de tradição e



tradução culturais, bem como revelam como o sujeito diaspórico posiciona-se no que se pode denominar como um lugar entre estas culturas e formado por elementos de ambas as identidades.

O entre-lugar, nesse sentido, pode ser compreendido como o ponto de convergência entre a cultura tradicional e a nova cultura a que o migrante diaspórico pós-moderno agora está inserido. Estando no país de destino, com outros hábitos e culturas, o entre-lugar desse migrante é o ponto instável e cambiante de convergência entre a sua tradição e a nova realidade, no constante processo de tradução.

Lilia, a narradora infantil do conto “Quando o Sr. Pirzada vinha jantar”, demonstra inicialmente em menor grau a tensão de ser uma migrante de segunda geração, pois conta com elementos da cultura americana em seu cotidiano. A tradição, nessa personagem, entra em questão a partir da leitura que passa a fazer dos conflitos a que passa a acompanhar pela mídia e pela narrativa de seu pai, bem como a partir da empatia que passa a desenvolver pelo Sr. Pirzada e a situação de angústia que esse homem vive em relação à família e à sua identidade. Já a senhora Sen, por sua vez, não passa por esse caminho como Lilia, uma vez que ela, por ser uma mulher adulta e migrante de primeira geração, ainda carrega consigo laços tanto mais profundos em relação à sua terra e sua família, e representa muito da frustração por não conseguir se situar tão bem em seu novo lugar de vida e na solidão que a permeia.

Os contos analisados permitem compreender, assim, a complexidade deste entre-lugar em que sujeitos diaspóricos vivem nas sociedades contemporâneas. Ademais, como ressalta Hall, em toda parte estão emergindo identidades culturais híbridas e não mais fixas, que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições e que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais. Estas novas identidades culturais são produto também desses complicados cruzamentos e combinações culturais e políticas que são cada vez mais comuns num mundo globalizado e permeado de movimentos migratórios forçados e violência.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Débora Pereira Miranda. *A tradução cultural do sujeito diaspórico nas obras Intérprete de males e Terra descansada, de Jhumpa Lahiri*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. 86 f.
- CHIARINI, Ana Maria. Jhumpa Lahiri: mulher traduzida, escritora italiana. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 47, p. 68-75, set.-dez. 2018.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- LAHIRI, Jhumpa. *Intérprete de males*. Tradução de José Rubens Siqueira. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.